

HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA LÉSBICA NA BAHIA: UM PROJETO EM ANDAMENTO NA UNEB – CONCEIÇÃO DO COITÉ

Pâmela Sampaio Teixeira;
pamelasampt@gmail.com

Orientação: Zuleide Paiva da Silva

Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV – Conceição do Coité. Tel.: (75) 3262 7500 / unebxiv@hotmail.com

RESUMO

Reconhecendo que a extensão e a pesquisa são processos educativos que se articulam ao ensino de forma indissociável, esta comunicação tem como encargo apresentar o projeto de extensão e pesquisa intitulado “Lesbianidades em movimento: história, memória e cultura lésbica na Bahia”, em desenvolvimento na UNEB - Campus XIV, localizado em Conceição do Coité - BA, desde março de 2017. A análise do projeto reconhece que o mesmo se caracteriza como um rasgo no pano patriarcal que esconde as lésbicas, assim fazendo com que corpos e vozes subalternizadas possam emergir. Esta ação tende interiorizar o debate sobre (in)visibilidade lésbica e políticas públicas de promoção de defesas e cidadania plena de lésbicas, além de construir referências que orientem o movimento social, poder público e academia quanto ao trato das lesbianidades e suas intersecções no combate ao racismo, ao sexismo e a lesbofobia.

Palavras chave: Lesbianidades; projeto de pesquisa; projeto de extensão; (in)visibilidade lésbica.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolve-se como um relato de experiências da monitória voluntária do projeto de pesquisa e extensão “Lesbianidades em movimento: história, memória e cultura lésbica na Bahia”, contando com a orientação da *Profa. Dra. Zuleide Paiva da Silva*, no Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia, em Conceição do Coité. A ação se caracteriza no Campus XIV como um movimento de liberdade e oportunidade para mulheres lésbicas e bissexuais da cidade de Conceição do Coité e regiões próximas, criando um ambiente de *sororidade*, compreensão, onde faz a voz lésbica/bissexual importante, que precisa ser ouvida e entendida. E assim, conhecendo o conceito de *continuum lésbico*, termo que inclui um conjunto de experiências de identificação da mulher, não necessariamente o fato de uma mulher sentir atração ou conscientemente já ter desejado uma experiência sexual genital com outra, (RICH; 1982), consideramos as vozes, os relatos e pensamentos das participantes do projeto como experiências válidas na luta contra o patriarcado, o sexismo, a lesbofobia, bifobia, subalternização da figura feminina e heterossexualidade compulsória. E assim, afim de recolher estes relatos, experiências e pensamentos das participantes, escolhe-se a cartografia como princípio metodológico, apreendendo o construto teórico de Suely Rollnik (1989), Kirst et al (2003), que se contrapõe à topologia quantitativa que categoriza o terreno de forma estática e extensa para pensa-la como procedimento de pesquisa para o entendimento da subjetividade, das relações sociais e das representações simbólicas.

Vinculado ao CEGRES - DIADORIM/UNEB (Centro de Estudos de Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade), este projeto tem interconexão com o GLEIGS - Grupo de Leitura e Estudos Interdisciplinares de Gênero e Sexualidade, um projeto de extensão em desenvolvimento no Campus XIV desde 2006. Também contamos com o apoio e parceria do movimento estudantil através do coletivo L.A.C.R.E (Liberdade. Arte. Conhecimento. Resistência. Engajamento), e dos movimentos de lésbicas através da LBL – Liga Brasileira de Lésbicas. Assim, por meio da extensão, a parceria entre a universidade e movimentos sociais potencializa o campo da pesquisa, além de também expressar o entendimento que o diálogo entre a universidade e os movimentos sociais é preciso para a construção de conhecimentos relevantes no campo dos estudos de gênero, orientação sexual e raça/etnia. Partindo desse entendimento, o propósito dessa comunicação é colocar o projeto Lesbianidades em movimento em discussão.

“LESBIANIDADES EM MOVIMENTO”: EXTENSÃO E PESQUISA ENGAJADA

O projeto “Lesbianidades em movimento: história, memória e cultura lésbica na Bahia” é orientado pelo paradigma feminista “O Pessoal é Político”, que politiza o cotidiano e evidencia que a vida doméstica (pessoal) e a vida não-doméstica (pública) não podem ser interpretadas isoladamente, sendo preciso pensar as relações pessoais como relações de poder (COSTA, 2005). O desafio é trazer para o espaço da discussão política questões de gênero e sexualidade vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado. Para tanto, assumem-se dois postulados. O primeiro, construído na esteira de Foucault (2005), que nega toda e qualquer noção essencializadora e biologizante da sexualidade, apreendendo a noção da mesma como um dispositivo histórico que deve ser problematizado no tempo e no espaço. O segundo, construído na esteira de Stuart Hall (2009), que assume a identidade como uma produção que está sempre em processo e nunca se completa. Assim, o conceito de identidade é estratégico e posicional.

As matrizes teóricas que fundamentam o projeto são tecidas com fios dos feminismos heterodissidentes, que em conjunto, reconhecem a heterossexualidade obrigatória, o racismo, o sexismo e o classismo como sistemas que se enlaçam na produção dos sujeitos marcando seu lugar na sociedade (RICH, 1980; WITTIG 1981, LORDE, 1984, CLARKE, 1990). O problema, teórico e empírico, está centrado na “invisibilidade lésbica”, percebida como expressão da lesbofobia, uma violência estrutural, com faces que se alastram, afetando a sociedade, ameaçando, agredindo e matando em função do gênero e da sexualidade não heterossexual (LORENZO, 2010), fato que caracteriza lesbofobia como violência interseccional de gênero e de sexualidade, fenômeno social, cultural e político que exige a soma de esforços da sociedade para a sua erradicação. Negando tudo que tende a causar a impressão da eternidade e inquestionabilidade da regra social, o estudo tem o propósito de produzir e difundir conhecimentos relevantes para as lésbicas e suas lutas políticas. Também é propósito do projeto cartografar subjetividades lésbicas, apreendendo pensamentos, percursos de construção identitária e estratégias de resistência daquelas que para além de recusarem a heterossexualidade obrigatória, reivindicam sua existência como lésbicas. O foco da ação de extensão e pesquisa está, sobretudo, nos fatores históricos e culturais que atuam na construção da subjetividade lésbica.

Reconhecendo que a construção subjetiva é um caminho com muitas possibilidades e que insere o sujeito no mundo em que vive como seu co-construtor, o objetivo do projeto é produzir e analisar as condições de subjetivação das lésbicas numa sociedade heteropatriarcal, assim como a produção das identidades e dos significados atribuídos à suas existências. Esse propósito é desdobrado nos seguintes objetivos específicos;

- 1) Produzir e mapear elementos da história, da memória e da cultura lésbica na Bahia, levando em conta os processos sociais normalizadores, sobretudo de gênero, raça/etnia, geração e lugar;
- 2) Mapear e Promover a criação e o fortalecimento de redes de solidariedade entre mulheres com fomento à produção e difusão de conhecimentos relevantes para as lésbicas e mulheres bissexuais;
- 3) Desenhar a rede de forças que atravessa o ser que se reconhece e é reconhecida como lésbica, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente;
- 4) Estabelecer pontos de conexão entre o pensamento lésbico da Bahia e a teoria política de Monique Wittig (2010), intitulada “O pensamento hétero”.

A carência de estudos na Bahia sobre a existência lésbica, por si, justifica o projeto, que se alinha a uma ação feminista de construção e difusão de conhecimentos relevante para as lésbicas e suas lutas, fato este que exige uma percepção contemporânea dos sentidos atribuídos ao ser lésbica ao longo da história. Vale destacar que o reconhecimento da lesbianidade enquanto identidade coletiva é fundamental no processo de desconstrução dos estigmas que sustentam os mitos, o apagamento e as desigualdades impostas às mulheres não-heterossexuais, fato este que também justifica o projeto, uma vez que reconhecer-se enquanto lésbica, lesbiana, sapatão, caminhoneira, fancha, paraíba e/ou outras denominações utilizadas para identificar as práticas afetivas e sexuais entre mulheres, é ponto de partida quando se pensa em gênero e sexualidade como dimensões ontológicas do ser social. Na vida cotidiana, isso significa que gênero e sexualidade – assim como classe, raça, geração e dentre outros - são marcadores que organizam a vida social, determinando os lugares e não lugares em que as pessoas irão ocupar na sociedade.

Nessa perspectiva, numa sociedade em que o exercício do poder – incluindo aqui não apenas o poder político representativo, mas o próprio acesso as riquezas socialmente produzidas – é propriedade dos homens cisgêneros, brancos, cristãos e heterossexuais, e isto implica na subalternização de outros sujeitos e grupos sociais. Assim, mulheres, lésbicas, sobretudo mulheres negras, têm cotidianamente seus direitos violados. São estas indivíduos que aparecem frequentemente nos altos índices de desemprego, pobreza, baixa escolaridade, rejeição e abandono familiar, isolamento social, vítimas de estupro corretivos e dentre outras situações de violações de direitos, riscos e danos sociais. É no sentido de identificar e fomentar reflexão em torno destas desigualdades e injustiças socialmente impostas às lésbicas, assim como a construção da consciência crítica que este estudo se mostra relevante. Trazer essas temáticas para o debate acadêmico, consequentemente político, significa colocar em pauta as necessidades e interesses das lésbicas, repensar e reatualizar a agenda política baiana a partir dos acúmulos e da dinâmica das próprias sujeitas. É importante situar que essa agenda é fruto da trajetória histórica do movimento de lésbicas no âmbito nacional e estadual.

Reconhecendo a inseparabilidade entre conhecer e fazer, pesquisar e intervir, o horizonte metodológico assume as pedagogias feministas como práxis e a cartografia como método, no qual a análise é a um só tempo o exercício de descrever, intervir e criar efeitos-subjetividades (BARROS,2009). Seguindo um impulso desconstrutivista, que coloca em questão formas hegemônicas de compreender as desigualdades sociais, negando toda e qualquer matriz essencializadora e subalternizante que cria, as fontes produzidas e apreendidas são percebidas não como prova, ou verdades, mas discursos que se conectam uns aos outros na formação de novos discursos. O desafio consiste em tornar visível outras formas de ver e viver a vida fora dos padrões da heterossexualidade.

Nessa perspectiva, a cartografia não é uma competência, mas uma performance desenvolvida como uma política cognitiva do/a cartógrafo/a (DELEUSE; GUATARRI, 1995), da qual se espera a construção de referências que orientem os movimentos sociais, o poder público e academia quanto ao trato das

lesbianidades e suas interseções no combate ao racismo, ao sexismo e a lesbofobia, atitudes estas que corroboram, dentre outros fatores, com a invisibilidade lésbica no estado da Bahia.

AÇÕES DESENVOLVIDAS NO SEMESTRE ACADÊMICO 2017.1

Três atividades foram desenvolvidas ao longo do semestre, a saber:

A. Agenda Feminista Março lésbica

A Agenda Março Lésbica é uma agenda política dos movimentos de lésbicas da Bahia que vem sendo produzida desde 2012 em diferentes municípios. Em Conceição do Coité, a mesma passou a ser desenvolvida em 2013, através do GLEIGS – Grupo de Leitura e Estudos Interdisciplinares de Gênero e Sexualidade, em parceria com a LBL – Liga Brasileira de Lésbicas. Em 2017, o projeto Lesbianidades em Movimento assumiu o compromisso de realizar esta agenda no Campus XIV, promovendo duas atividades, sendo elas: Roda de conversa “A importância do Saber Defender-se” e “Oficina Lésbica Feminista de Autodefesa para Mulheres”, ambas realizadas no dia 28 de março de 2017. Participaram da “Roda de Conversa; a importância do saber defender-se” 41 pessoas. Desse total, aproximadamente 90% eram mulheres, e 10% homens. A presença masculina na atividade justifica-se pelo entendimento de que a violência contra as mulheres é uma manifestação das relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, e como tal, é um fenômeno que precisa ser discutido por toda a sociedade.

Como ação formativa, esta ação primou pelo debate em torno das faces da violência e da necessidade da união para desnaturalizar, denunciar, e enfrentar a violência, apontando a auto-organização e a autodefesa das mulheres como trilha de empoderamento para o enfrentamento e superação destas violências.

B. Agenda Feminista Maio da Diversidade

A “Agenda Feminista Maio da Diversidade” é uma agenda política dos movimentos LGBTQ+ encampada pela Secretaria de Justiça de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social da Bahia desde 2013. O objetivo desta agenda é discutir a LGBTQfobia no âmbito do Estado e promover uma cultura de respeito aos direitos humanos, com foco na população LGBTQ, fortalecendo a convivência e a sociabilidade a partir de debates, oficinas, feiras, atividades artísticas e culturais, como elementos estruturantes da superação de contexto de violação de direitos e de promoção da cidadania.

Com esse propósito, o projeto Lesbianidades em movimento realizou três atividades nos dias 16 e 22 de maio, no Colégio Estadual Professor Olgarina Pitangueira Pinheiros, localizada em Conceição do Coité e no próprio Campus XIV da UNEB. A primeira ação foi a “*Roda de Conversa: educação para a diversidade*”, ocorrida no dia 16, que contou com a presença e participação de aproximadamente 62 estudantes, matriculados/as nas três turmas de 1º ano do ensino médio da escola. A segunda foi a “*Oficina de Autodefesa para Mulheres*”, também no dia 16, que contou com a participação de 20 mulheres, todas estudantes destas turmas de 1º ano. A terceira atividade, sendo a última realizada para a Agenda Maio, foi o *Cineminha da Diversidade* ocorrido no dia 22, com o objetivo de analisar e discutir a representatividade LGBTQ+ nas produções cinematográficas, além de tentar, também, trazer para o ambiente acadêmico a pauta de (in)visibilidade da comunidade LGBTQ+.

Essa atividade foi articulada com a disciplina “Metodologia do Trabalho Científico e Interdisciplinaridade”, ministrada pela *Prof. Dra. Zuleide Paiva*, oferecida para o 1º semestre do curso de licenciatura em História. O curta escolhido para esta primeira seção foi *Love Is All You Need? (Amor é tudo do que você precisa?)*, em tradução livre), uma produção de Kim Rocco Shields, lançada em 2011. Como ação de extensão articulada ao ensino, a atividade para além de potencializar a reflexão sobre questões de identidade, preconceito e violência contra pessoas LGBT, favoreceu a discussão sobre o uso de documentários como fonte da pesquisa histórica.

E assim, reconhecendo a necessidade de levar a discussão gênero-raça-sexualidade as escolas públicas, essas atividades, em conjunto, fomentaram o debate sobre a educação para diferença e os feminismos como trilha de empoderamento, enfrentamento e superação das violências de gênero, raça e sexualidade, contribuindo assim para a compreensão da escola como espaço reprodutor de desigualdades e violências, e, sobretudo, para compreensão da escola como espaço potente para desnaturalizar a violência e desconstruir os estereótipos de gênero, de forma a constituir-se como espaço de respeito e de aceitabilidade da diversidade de gênero e orientação sexual.

C. Arraiá de “Nois Tudim”

O *Arraiá de Nois Tudim* foi realizado no dia 14 de junho, em celebração ao feriado de São João. A ação foi feita em conjunto com o GLEIGS – Grupo de Leitura e Estudo Interdisciplinar de Gênero e Sexualidade. Visando a mudança da tradição dos casais organizados na quadrilha, o *Arraiá de Nois Tudim* contemplou casais diversificados em sua quadrilha; tanto heterossexuais quanto homossexuais. Essa dinâmica foi pensada pela quebra da heteronormatividade que circula o significado do que é ser um casal, e também, pela visibilidade de relacionamentos não-heterossexuais em festividades reproduzidas e pensadas sob uma visão heteronormativa.

Enfim, em conjunto, as três atividades desenvolvidas em 2017.1 movimentaram espaços formais de educação, evidenciando a importância do reconhecimento e do respeito às diferenças na universidade, na escola, e em todos os lugares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta comunicação é inconclusa, pois o projeto Lesbianidades continuará ao longo do semestre acadêmico 2017.2, com a pretensão de maior expansão para além do Campus XIV da UNEB. Referente as atividades já realizadas, pode-se dizer que conseguimos alcançar alguns dos objetivos delimitados para esta primeira etapa de pesquisa. Todas as três atividades contaram com grande participação dos alunos/pessoas presentes, dando opiniões, tirando dúvidas referentes ao tema e a assuntos relacionados, relatando experiências passadas por si mesmos ou pessoas conhecidas.

Espera-se que com a chegada no novo semestre, o projeto consiga desenvolver ainda mais atividades e trabalhos do que nos meses anteriores, além de sempre continuar buscando novas formas de fomentar a discussão sobre as subjetividades, identidades e lutas das lésbicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLARKE, Cheryl. **Lesbianism: An Act of Resistance.**” The Columbia Reader on Lesbians and Gay Men in Media, Society, and Politics. Columbia University Press, 1990. Tradução livre disponível em: <<http://ebookbrowse.net/lesbianismo-um-ato-de-resistencia-cheryl-clarke-pdf-d281612776>>. Acesso em fevereiro, 2017.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil. Dinâmicas de uma intervenção política. **Labrys Estudos Feministas**. Jan/Jul. 2005. Disponível em:<http://www.tanianavarrosowain.com.br/labrys/labrys15/ditadura/analice.htm>, Acesso em junho, 2014.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LORDE, Audre. **Sister outsider**. Freedom, CA: The Crossing Press, 1984.

LORENZO, Ángela Alfarache. **La Construcción cultural de la lesbofobia**: una aproximación desde la antropología, In: RUBIO, Julio Munhoz (Coord.). *Laberinto de la ignorancia*. Mexico: UNAM, 2012.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 71-79, Apr. 2000. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722000000100010&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em jun. 2016.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. **Revista Bagoas**, n.5, [1980] 2010. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf> Acesso em fevereiro, 2014.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. 2. ed. Barcelona: Egales, [1981] 2010.